

DA NATUREZA A FUNÇÃO SOCIAL DA EDUCAÇÃO: UMA ANÁLISE SÓCIO – HISTÓRICA DO PROCESSO EDUCACIONAL

Vitória Carolina Santos Silva¹
Valdice Barbosa da Silva²
Thamyres Ferreira da Silva³
Caíque Lucas Pereira Irmão⁴

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo analisar as raízes ontológicas do complexo da educação no decurso de seu processo histórico, de modo a evidenciar a natureza e função social da educação. Para tanto, o mesmo foi desenvolvido através de uma pesquisa bibliográfica fruto de análises e discussões referidas pelos autores consultados acerca da temática, que buscam explicitar a natureza imutável da educação e o quão sua função social é determinada pela organização social vigente. O método utilizado parte da ontologia marxiana, visto que para entender a realidade concreta objetiva deve-se ir além de manifestações empíricas para alcançar a compreensão ontológica das particularidades, singularidades e da totalidade social, sobretudo do processo sócio – histórico educacional.

Palavras-chave: Educação, Natureza, Função social.

INTRODUÇÃO

A educação é um elemento presente em toda a história do ser social, ela se fez necessária assim que a simples reprodução biológica tornou-se insuficiente para garantir a continuidade daquele novo ser criado a partir do salto ontológico dado pelo homem de sua condição pré-humana à humana, é importante ressaltar que esse salto foi proporcionado por intermédio do trabalho. Dessa forma, é objetivo desta pesquisa analisar as reais possibilidades de intervenção do complexo da educação nas formas de sociabilidade vigentes, partindo da sua gênese ontológica e função na reprodução social.

Em cada momento histórico a educação atende a uma finalidade social que é imposta pelo modo de produção e pela forma de organização social, política e econômica predominante em cada sociedade. A função social da educação funda-se na necessidade do processo reprodutivo, que constantemente gera o novo, de impor situações que exigem além certos tipos de respostas, a reprodução e desenvolvimento de uma série de objetivações necessárias para a

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Alagoas - UNEAL, vitorya610@gmail.com;

² Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Alagoas - UNEAL, valdicebarbosads@gmail.com ;

³ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Alagoas - UNEAL, thamyresfd199718@gmail.com ;

⁴ Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Alagoas - UNEAL, caiquelucasfla@gmail.com.

continuidade social. Enquanto sua natureza, permanece imutável de modo a imprimir nos indivíduos os valores, as crenças, as representações socialmente adequadas para uma dada realidade histórica.

Com intuito de compreender a gênese da educação, partiremos de uma análise do trabalho em seu sentido ontológico que de acordo com a tradição marxiana, é a categoria fundante do ser social. Nesse sentido, todos os complexos sociais, inclusive aqueles que se dirigem para a consciência de outros homens com o objetivo de ensejar-lhes determinadas posições socialmente adequadas, como a educação, são fundados, pelo trabalho. Isto posto, no decorrer deste trabalho evidenciaremos o desencadeamento das relações de trabalho desde o comunismo primitivo até as sociedades de classes, explicitando a natureza imutável e a função social da educação do decurso desse processo histórico. Os referenciais teóricos presentes neste trabalho são: DUARTE (2004); LÚKÁCS(2018); MACENO(2017); PONCE(2007).

METODOLOGIA

Este trabalho foi desenvolvido a partir de uma pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo, tendo como base o método que parte da ontologia marxiana, entendendo que para compreender a realidade concreta objetiva das particularidades sociais deve-se ir além de manifestações empíricas para alcançar a compreensão ontológica das singularidades. Nesse sentido, o principal objetivo deste trabalho é a discussão a respeito da natureza e função social da educação no decurso de seu processo histórico, ressaltando a exploração do trabalho nas diferentes sociedades através de um recorte histórico do trabalho desde a comunidade primitiva, até os dias atuais em uma sociedade capitalista, marcada pelo capital, com o objetivo de investigar as relações intrínsecas existentes entre educação e trabalho. Tendo como referencial teórico: MACENO (2017); PONCE (2007); SUCHODOLSKI(1976), entre outros.

DESENVOLVIMENTO

A partir dos referenciais teóricos utilizados no desenvolvimento desta pesquisa, podemos inferir que quando tratamos do processo sócio – histórico permeado pela educação encontramos uma gama de equívocos referentes a natureza e função social da educação. Isto ocorre, principalmente porque é pouco comum que se investiguem a raiz de tal complexo, enfatizando apenas a superficialidade daquilo que se apresenta no campo fenomênico. A exemplo disso podemos citar pesquisas que estão voltadas para os problemas educacionais, ou

ainda para soluções dos mesmos, mas, sem que haja essa análise mais densa das razões desses problemas, ou até sem a contextualização destes com outros fatores sociais.

Isto posto, partindo dessa constatação, sentiu-se necessidade de pesquisar a natureza imutável da educação, bem como sua função, destacando que esta sofreu e sofre alterações em seu decurso histórico, isto porque a educação é motor central no processo de reprodução social, e nesse sentido cada sociabilidade adquire características únicas que precisam ser reproduzidas para garantir a continuidade da mesma.

Assim sendo, esse artigo se utiliza de autores como Lukács, pois, mesmo que a educação não seja o foco dos trabalhos do autor, este se expressa de maneira primorosa ao falar sobre a natureza do complexo educacional em sua obra “Para o Ontologia do Ser Social”, além de Maceno, que também enraíza suas pesquisas em Lukács e Ponce, que transmite veracidade e competência ao tratar da percurso histórico da educação em torno da luta de classes que se instaurou desde o estágio embrionário desse tipo de sociedade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Entender como surgiu a educação é equivalente a compreender sua natureza e finalidade social, e que de acordo com Maceno (2017), não podemos depreender essa categoria sem que se apreenda corretamente a origem do ser social, uma vez que, a educação é um complexo indissociável da sociedade sendo, que a sua origem e função social emergem com o surgimento de um ser mais complexo. A partir de Maceno (2017), podemos inferir que existe uma incompreensão a respeito da natureza e função da educação. Isto posto, não podemos tratar deste complexo sem analisar suas possibilidades de intervenção na totalidade, a partir da sua gênese ontológica e da sua função no interior da reprodução social.

Marx e Lukács trazem a origem do ser social a partir de um salto ontológico que impulsiona o seu desenvolvimento, sendo esse salto ontológico realizado pelo trabalho, ato fundante do ser social. O trabalho aqui citado, é considerado a base da construção material e espiritual do mundo dos homens, uma vez que “(...)já em seu ato primário faz originar essa cadeia de complexos necessários à sua realização.” (MACENO,2017, p.90), pois através da transformação da natureza, a partir das necessidades que se apresentam numa dada realidade, estabelecem-se nexos causais que conduzem a um desenvolvimento que não seria possível sem a intervenção humana na transformação da natureza. Ontologicamente, o trabalho, favoreceu o desenvolvimento da humanidade desde as primeiras organizações sociais possibilitando aos

indivíduos novas formas de conhecimentos para que paulatinamente desenvolvessem novas forças produtivas.

MACENO (2017, p.90) esclarece que:

(...) as cadeias de complexos sociais que se dirigem à ação de outros homens não podem existir sem o trabalho; por sua vez, o trabalho não existiria sem elas. A diferença fundamental é que, ao necessitar de complexos dessa ordem para a sua efetivação, o trabalho os origina e os desenvolve. Essa necessidade intrínseca que possui o trabalho de exigir para a sua realização formas superiores de práxis impulsiona o desenvolvimento dos demais complexos sociais que atuam como sua mediação última.

É importante mensurar que as transformações do trabalho, ato fundante do ser social, e dos demais complexos como a educação são condicionadas pelos modos de produções vigentes em cada sociedade. Conforme Ponce (2007) nas tribos primitivas, onde o trabalho era livre, apesar da escassez na produção, tudo o que era produzido dividia-se de forma igualitária entre todos os membros da referida comunidade. Com o desenvolvimento das forças produtivas, os indivíduos passaram a produzir mais do que o necessário para sua sobrevivência, instaurando um contexto para que houvesse a divisão de classes. Concomitante com a precoce divisão de classes, uma série de transformações foram desencadeadas dentre elas destacam-se: a precoce relação de troca; a sobreposição dos interesses comuns aos interesses privados; a inexorável exploração do homem pelo próprio homem, e, as mudanças presentes nos fins educacionais.

Com os interesses comuns subordinados aos interesses privados, os conceito de coletividade e igualdade presentes no comunismo tribal, foram substituídos pelos anseios individuais, fruto da nova ordem social, ainda que em seu estágio embrionário, baseado em uma sociedade dividida em classes. PONCE (2007, p.26), destaca que:

(...) com o desaparecimento dos interesses comuns a todos os membros *iguais* de um grupo e a sua substituição por interesses *distintos*, pouco a pouco *antagônicos*, o processo educativo, que até então era único, sofreu uma partição: *a desigualdade econômica entre os “organizadores” – cada vez mais exploradores – e os “executores” – cada vez mais explorados – trouxe, necessariamente, a desigualdade das educações respectivas.* (grifos do autor)

É consenso até mesmo entre os ideólogos burgueses que a transição das comunidades primitivas para as sociedades de classes, desencadeou inúmeras transformações. Entretanto, perpassa os limites de nosso texto, o aprofundamento, em cada uma dessas transformações. Assim sendo, enfatizaremos, ontologicamente a maneira como a educação, enquanto complexo sócio - ideológico, reflete a sociabilidade de cada momento histórico, ao mesmo tempo, que sua natureza permanece imutável.

Ao analisarmos alguns traços das primeiras práticas educacionais, evidenciamos que desde sua gênese, a natureza da educação é imutável, de modo que imprimi nos indivíduos valores, crenças, representações sociais necessários para um dado momento histórico. Entretanto, o complexo educacional atende a uma finalidade social, que é imposta pelo modo de produção e pela forma de organização política e econômica vigente em cada sociedade.

MACENO (2017, p.08):

(...)desde a Antiguidade até o presente, *mutatis mutandis*, de uma forma mais ou menos acentuada, os homens sempre atribuíram um caráter socioformativo à educação, destacando seu papel tanto para a constituição dos indivíduos quanto para a reprodução social, na medida em que esta formaria os tipos sociais necessários à manutenção da sociedade. (grifos do autor.)

Quando tratamos da educação e de todo o processo histórico permeado por ela, faz-se necessário inferir que esta perpassa os limites do contexto de educação escolar, à medida que a educação em sentido amplo possui uma larga dimensão social condicionada pela ideologia dominante, de modo que abrange todos os complexos sociais em toda história da humanidade. Se verificarmos como a educação teve início, constataremos que ela surgiu para atender as necessidades sociais de um dado momento histórico, com base em Ponce (2007) pode-se perceber que em uma organização como o comunismo tribal, na ausência de instituições formalizadas o ensino dava-se a partir das necessidades da tribo, “(...) *era para a vida e por meio da vida*” (PONCE 2007, P.19, grifos do autor), as crianças eram educadas através das funções da coletividade, moldando-se aos padrões da tribo, sem que ninguém intervisse diretamente nesse processo. Entretanto, embora ninguém interferisse diretamente no processo educacional, desde seu nascimento as crianças estavam em contato com o meio social que as influenciava e as moldava, pois “antes de a criança deixar as costas de sua mãe, ela já havia recebido, de um modo confuso certamente, mas com relevos ponderáveis, o ideal pedagógico que o seu grupo considerava fundamental para a sua existência.” (Ponce, 2007, p.21). Assim, em uma organização social fundada na coletividade como as comunidades primitivas, a função social da educação era voltada à sobrevivência, moldando nos indivíduos os interesses e necessidades da tribo.

PONCE (2007, p.21) reitera que:

(...) numa sociedade sem classes como a comunidade primitiva, os fins da educação derivam da estrutura homogênea do ambiente social, identificam-se com os interesses comuns do grupo e se realizam igualmente em todos os seus membros, de modo espontâneo e integral: *espontâneo* na medida em que não existia nenhuma instituição destinada a inculca-los, *integral* no

sentido que cada membro da tribo incorporava mais ou menos bem tudo o que na referida comunidade era possível receber elaborar. (grifo do autor)

Com o desenvolvimento das forças produtivas, a produção dos indivíduos tornou-se excedente a própria sobrevivência, “cada um dos produtores, aliviado um pouco do seu trabalho, passou a produzir para suas próprias necessidades e também para fazer trocas com as tribos vizinhas.” (Ponce, 2007, p.25), consolidando assim a divisão da sociedade em classes. De acordo com Ponce(2007,p.24):

[...] esta divisão da sociedade em “administradores” e “executores” não teria levado à formação das classes, tal como hoje as conhecemos, se outro processo paralelo não tivesse ocorrido ao mesmo tempo. As modificações introduzidas na técnica (...) aumentaram de tal modo o poder do trabalho humano que *a comunidade, a partir desse momento, começou a produzir mais do que o necessário para o seu próprio sustento.* Apareceu um excedente de produtos, e o *intercâmbio* desses bens, que até então era exíguo, adquiriu tal vulto que se foram acentuando as diferenças de fortuna. (grifos do autor)

Com a transição do comunismo primitivo para a sociedade de classes, o ideal pedagógico já não era o mesmo para todos os povos, algumas classes sociais adquiriram “*uma consciência mais clara de si próprias.*”, (Ponce, 2007, p.36. grifo do autor). De modo à reproduzir uma educação condicionada pela ideologia dominante. Acompanhando as transformações trazidas pela divisão de classes, os modos de produção posteriores aos primitivos, estabeleceram uma educação regida pelos interesses das classes dominantes.

Na Grécia antiga, por exemplo, o comunismo tribal deu lugar às desigualdades entre as classes sociais e, conseqüentemente do complexo da educação. O ideal pedagógico imposto pela ideologia dominante já estava presente, principalmente no período clássico, no qual a formação para a vida na *pólis* destinava-se ia, especificamente, aos membros da elite grega, filhos senhores de terras e escravos, que com o ócio garantido pela exploração do trabalho alheio, desenvolveriam as “habilidades” necessárias para manter e expandir os interesses de sua classe. Para os escravos, que estavam “destinados” ao trabalho manual, considerado indigno pelo grego patrício, que “nem por isso ele deixava de embolsar os proventos que seus escravos obtinham como mercadores ou como artesões” (Ponce, 2007, p.37); a educação limitava-se ia à instruí-los a agir adequadamente de acordo com aquela organização social, aceitando sua condição.

Conforme MACENO (2017, p.09):

(...) com a cristalização do modo de produção escravista iniciada no período arcaico, os objetivos e fins da educação voltam-se à reprodução desse sistema social. A reprodução dessa forma de sociabilidade fundada no escravismo exige, necessariamente, a coerção e o controle diretos sobre os escravos e a permanente expansão extensiva da dominação e subjugação de pessoas e territórios. Portanto, essa estrutura econômica só pode funcionar à base de um elevado militarismo. Nesse cenário, é natural que a educação bélica e a formação do espírito heroico e belicoso da classe dominante se tornem os conteúdos privilegiados da educação escravista.

Além da instrução para a vida na *pólis*, o ideal pedagógico dominante da sociedade grega, também “(...)se somavam outros conteúdos, tais como a valorização negativa do trabalho, a conscientização da classe enquanto dominante, a valorização da participação na vida pública, a assimilação das relações sociais como naturalmente estabelecidas.” (MACENO, 2017, p.09). A disseminação desses conteúdos desencadeia de maneira objetiva a desigualdade do complexo da educação na sociedade grega, uma vez que, quando transmitidos à elite grega, reafirmavam seu papel dominante em detrimento aos escravos que através desses conteúdos eram instruídos a subordinação e a aceitação da condição de explorado.

A esse respeito MACENO (2017, p.10) escreve que:

(...) nesse sentido, para as classes dominadas, esses valores passam a disseminar a conformação da subordinação de classe a que são socialmente submetidos, a configuração de uma consciência que encara a classe dominante como naturalmente superior à sua, a aceitação da vida pública e militar como sendo destinada exclusivamente aos cidadãos, o reconhecimento das relações sociais como um dado imutável e natural etc. Contudo, tanto num caso quanto no outro, isto é, quando dirigida à classe dominante ou quando se dirige às classes dominadas, a função social da educação como mediadora para a reprodução do modo de produção escravista é clara.

Ao analisar o decurso do processo histórico educacional, não podemos desconsiderar a função social da educação na sociabilidade capitalista, que além de voltar-se ideologicamente para manutenção da ordem, deve “formar” os indivíduos para o mundo do trabalho, apenas para reproduzir, sem questionamentos, a ordem imposta, onde cada classe é formada/preparada para assumir um espaço específico nesta sociedade, reproduzindo os seus valores.

Segundo DUARTE(2004, p.79 *apud* SUCHODOLSKI):

(...) as teses marxianas fundamentais que dizem respeito à educação na sociedade capitalista baseiam-se na tese do seu caráter de classe que está encoberto pela fraseologia ideológica. A educação é um instrumento nas mãos da classe dominante que determina o seu caráter de acordo com os seus interesses de classe, assim como o âmbito que engloba o ensino para a sua própria classe e para as classes oprimidas.

Contudo, isso não pode ser tomada como função absoluta da educação, pois a medida que a sociedade se desenvolve as relações sociais tornam-se cada vez mais complexas, complexificando também os indivíduos. O que queremos aqui salientar, é que apesar das desigualdades educacionais advindas com a sociedade de classes, a natureza da educação permanece imutável, entretanto, como vimos, sua função social é determinada unicamente pela maneira como sociedade produz e reproduz, de modo a fazer com que os indivíduos reagem de modo adequado a determinada forma de organização social. A educação, nesse sentido, torna-se uma categoria fulcral para a produção e reprodução social, mantendo a sua especificidade e a complexidade em cada momento histórico, preparando os indivíduos a responder adequadamente as demandas sociais impressas pelo modo de produção vigente, assim como tem a função de reprimir ideias, comportamentos, valores, crenças etc. que não sejam correspondentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto é possível compreender que a educação é algo essencial na vida humana, visto que é por meio dela que valores, normas, conhecimentos e comportamentos que condizem com a ordem social são introjetados nos indivíduos, no entanto ao passo que isto se torna necessário para a existência de todo e qualquer modelo de sociabilidade se torna algo também perigoso, pois, é dessa maneira a classe dominante possui maior facilidade em disseminar suas ideias e tentar garantir a permanência de sua posição.

É nesse sentido que se faz necessário se apropriar de tais conhecimentos para que se compreenda os limites do processo educativo, principalmente daqueles que foram devidamente sistematizados a fim de atender objetivos bem específicos voltados a manutenção da ordem vigente, porém não apenas para isso, mas também para que se enxergue o potencial emancipador que possui a educação, desde que utilizada de maneira a atender as necessidades de todos, e não apenas de uma parcela da sociedade.

REFERÊNCIAS

DUARTE, Newton(orgs.). **Crítica ao fetichismo da individualidade**. Campinas – São Paulo Autores associados (2004).

LUKÁCS Georg. **Para Ontologia do Ser Social**. Maceió: Coletivo Veredas, 2018.

MACENO, TALVANES EUGÊNIO. **Educação e Reprodução Social:** a perspectiva da crítica marxista
– São Paulo: Instituto Luckás, 2017.

PONCE, Aníbal. **Educação e Luta de Classes.** 22. ed. São Paulo: Cortez, 2007.